



Luiz Rufino

PONTA- CABEÇA

**educação, jogo de corpo
e outras mandingas**



mórula
EDITORIAL

As palavras que baixam neste livro foram catadas na hora grande. Antes de serem aqui chamadas para segurar essa toada, elas corriam mundo sendo mata, esquina, terra, criança, bicho, espírito, festa, remédio e veneno. Elas foram maceã radas, banhadas no sereno, sopradas com o segredo confiado pelos que vieram antes e costuradas em um tecido fino. Delas foi feito um patuá para espantar a má sorte.

As palavras têm a sina de ser corpo. Elas caçam um jeito de se aconchegar em algo que possa vadiar, driblar, gargalhar, roçar, bater perna e botar a existência para jogo. Elas sabem que sendo corpo podem mais. A artiã manha de fazer do corpo um brinã quedo de batalha abre caminho para o jogo. Assim, nesse jeito vadio de ser, o corpo se revela como saber, memória e comunidade.

Se a educação é um radical da vida e aprender diz sobre as nossas itinerâncias, a força da educação vibra no corpo e seus enredaã mentos se tecem nas relações com outros brincantes, jogadores, artistas e arteiros. Esses são os íntimos das formas de cair bonito, balancear, esquivar, caçar vazios e entrar no momento certo. A educação aqui é encarada como uma capoeiragem. Dessa maneira, sinto que uma das suas tarefas é virar ponta-cabeça.

Luiz Rufino

PONTA- CABEÇA

**educação, jogo
de corpo e outras
mandingas**



mórula
EDITORIAL

Copyright © Luiz Rufino.

Todos os direitos desta edição reservados
à MV Serviços e Editora Ltda.

REVISÃO

Natalia von Korsch

ILUSTRAÇÃO (CAPA)

Camila Pizzolotto

PROJETO GRÁFICO

Patrícia Oliveira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
Bibliotecária Meri Gleice de Souza — CRB 7/6439

R865p

Rufino, Luiz

Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e
outras mandingas / Luiz Rufino. – 1. ed. – Rio de Janeiro:
Mórula, 2023.

108 p. ; 19 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81315-69-6

1. Educação – Aspectos sociais. 2. Educação
multicultural. 3. Capoeira – Aspectos sociais. I. Título.

23-84715

CDD: 370.117

CDU: 37.014.53



Rua Teotônio Regadas 26 sala 904
20021_360 _ Lapa _ Rio de Janeiro _ RJ
www.morula.com.br _ contato@morula.com.br
f morulaeditorial @ morula_editorial

*Para as educadoras do Brasil;
Para os corpos vazios, devotos
da alegria e artífices da cisma;
Para Elegbara, Eleguá. Agô,
dono da força, senhor dos
caminhos, menino travesso.
Laroyê!*

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| Mudança de eixo | 7 |
| Ponta-cabeça | 12 |
| Educação mais que humana — aprender com as folhas | 22 |
| Sambaqui | 37 |
| Gramática Telúrica | 56 |
| Educação como fundamento corporal e prática mandingueira | 75 |
| Era eu, era meu mano, era meu mano e era eu | 87 |
| REFERÊNCIAS | 101 |

Mudança de eixo

*Solta a mandinga aí, solta a mandinga,
solta a mandinga aí capoeira, solta a mandinga*

A motivação para a escrita deste livro surgiu daquilo que a educação nos chama para encarar e se embolar em um inacabado jogo de corpo. Essa embolada se dá com a vida, os cotidianos, suas invenções e as intermináveis formas de fazer. Tenho perseguido a ideia de que no Brasil uma das principais tarefas da educação é a descolonização. Dessa forma, se a lógica colonial se instalou e permanece entre nós como um modo de escolarização ao mesmo tempo acontecem outros processos educativos que contrariam o modelo que se quer único. Esses processos podem e devem ser lidos como repertórios poéticos/políticos/éticos/estéticos que confluem na tessitura de pedagogias descoloniais.

A educação como prática de liberdade, amorosidade¹, veneno e remédio² é uma força vivaz, espiritualidade plantada nos ritos e memórias comunitárias, regada pelos velhos e novos que garantem e sustentam

¹ Ver Freire (2014) e hooks (2017).

² Ver Rufino (2021).

o roçado da aldeia. Sua intimidade com a vida faz com que ela seja uma ação responsável e plural. Comprometida com os encontros e afetos, a educação não exclui o conflito, pelo contrário, o toma como impulso para saltar, gingar e se presentificar como corpo em defesa da comunidade. Tendo como recorte a leitura do Brasil a partir do início da guerra colonial, temos os dois aspectos, vida e comunidade, sendo sistematicamente violentados ao longo do tempo.

A redução da concepção de vida a partir de um padrão dominante de ser/saber/poder tem aquebrantado a educação. Por isso, por aqui tem se mantido a ladainha da educação como uma promessa de salvação individual. Salvação em um modelo de sociedade fraturada e ainda subordinada pelo contínuo colonial. Educação está atrelada a diversidade, assim, tomá-la como descolonização implica em uma certa astúcia do jogo de corpo. A educação balanceia para não ser capturada, **bota a mão, tira o pé, tira o pé, bota a mão**³, baixa ao pé do berimbau e canta as cismas, dribles, esquivas, rodopios, mandingas, fechamento de corpo e tantas outras formas de fazer que nos

³ Ao longo dos textos dialogarei com diferentes versos entoados nas rodas de capoeira. Os chamados “cantos corridos” são geralmente perguntas e respostas, ou quadras, que estabelecem interlocução com o jogo. Cabe destacar que os versos também jogam, assim fazem parte do saber corporal (Tavares, 2020) da capoeira. Essa dinâmica é comum em outras práticas de saber afrodiaspóricas.

mantêm atentos ao jogo, prontos para caçar os vazios e destronar aquilo que se quer único.

A descolonização, assim como a educação, são práticas. Promessa e salvação quem empenhou foi esse modelo, moral e espiritualmente indefensável⁴. Sendo práticas jogam de corpo inteiro, **práctateo-riaprática**⁵, e em **relação**⁶, **jogo de dentro, jogo de fora**⁷, o que faz com que ambas sejam disponibilidades filosóficas para o trato dos problemas da vida, suas belezas e batalhas. Em outras palavras, educação como descolonização é uma espécie de capoeiragem, dá um passa-pé⁸ em quem pensa só com a cabeça. Se a condição do colonizado é vacilante⁹, pois é subordinado a um padrão que lhe incutiu o desvio existencial, a sua emergência/inscrição como liberdade se faz em ginga, **ser em ginga**¹⁰. O jogo aqui é catar a educação naquilo que geralmente não se reconhece como a sendo, nas interlocuções e nos saberes que a tecem no mundo, mas que têm sido alvejados pelo quebranto posto pelo olho grande colonial.

⁴ Menção ao pensamento de Césarie (2008).

⁵ Ver Alves (2008).

⁶ Ver Glissant (2021).

⁷ Canto corrido.

⁸ Movimento próprio da capoeira utilizado para desestabilizar o jogador.

⁹ O termo vacilante é aqui empregado com o sentido de ambivalente.

¹⁰ Ver Peçanha (Mestre Cobra Mansa), Oliveira e Rufino (2018).

Por isso, ponta-cabeça. Outro arranjo, um jeito que o corpo dá, virada, mudança de eixo e relação com o que se passa na roda mundo. Virar ponta-cabeça, a famosa bananeira, como é conhecida no jogo da capoeira e nas brincadeiras infantis, invoca mais uma vez o caráter duplo da educação. Se antes a folha foi cantada¹¹ para macerar a educação como remédio e veneno, agora o corpo vai ao jogo, campo de batalha e de mandinga. **Capoeira é defesa e ataque, é ginga de corpo, é malandragem...** virando ponta-cabeça, a educação é invocada aqui em sua face dupla — brinquedo e batalha. Face essa que acentua o corpo como um de seus fundamentos.

As palavras aqui cantadas baixam no texto para formar a roda. Cada uma delas é corpo, ritmo, risca o chão, faz o rito, brincadeira e jogo. Se a educação é lida como um fundamento corporal, é com ela que jogamos nessa roda, em que as pernadas vão se dando entre plantas, quintais, mortos, sambaquis, sertões, avós, crianças, cantigas, matas, mistérios, memórias e saberes diversos. Cabe destacar que a expressão “ponta-cabeça” aqui apresentada se inspira, primeiramente, no jogo da capoeira, mas dialoga com a proposição de Nilda Alves (2008), que aponta o “virar ponta-cabeça” como um dos movimentos a serem feitos no reconhecimento dos limites postos pela

¹¹ Menção ao livro “Vence-demanda: educação e descolonização” (Rufino, 2021).

modernidade e na emergência de traçarmos outras possibilidades epistêmicas. Essas outras possibilidades não excluem aquelas que estão postas, as chamam para o jogo, para outras maneiras de **fazerpensar** a educação e seus cotidianos.

Vamos vadiar, vamos vadiar, vamos vadiar, olha vamos vadiar...



1ª edição
impressão
papel miolo
papel capa
tipografia

julho 2023
rotaplan
pólen bold 90g/m²
cartão triplex 300g/m²
new york

Quem adentrar essa roda jogará com mestres, quintais, roças, sambaquis, crianças, avós, vaqueiros, lavradores, sambistas, encruzilhadas, mortos, xamãs, erveiras, retirantes, entre outras presenças e saberes. Nessa roda a educação é o patuá que fecha o corpo contra o quebranto posto. De corpo fechado bendiremos o chão, os ancestrais e lançaremos a rasteira no tempo certo.

LUIZ RUFINO é carioca criado no subúrbio, filho de pai e mãe cearenses, neto de vaqueiros e lavradores. Capoeirista, iniciou a aprendizagem ainda criança. Tem as rodas, esquinas e terreiros como lugar de formação. É professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (Febf) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e autor de diversos livros, entre eles *Pedagogia das Encruzilhadas* (Mórula, 2019) e *Vence-Demanda: educação e descolonização* (Mórula, 2021).

ISBN 978-65-81315-69-6



É tarefa da educação desencadeiar a lógica colonial que violenta e busca dominar diferentes formas de existir. Para isso é preciso certa astúcia do jogo de corpo, como aponta Rufino. A educação como descolonização é uma espécie de capoeiragem, dá um passa-pé em quem pensa só com a cabeça. O jogo aqui é catar a educação naquilo que geralmente não se reconhece como a sendo, nos encontros e nos afetos, nos ritos e memórias comunitárias, nas interlocuções e nos saberes que a tecem no mundo, mas que têm sido aquebrantados pelo olho grande colonial.



mórula
EDITORIAL